



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGÜÍSTICA
1996-2023/2024

REVISTA AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
V. 8, N.22, P.135-154
DOI:10.18764/2525-3441V8N22.2023.7

FIGURAÇÕES DO FEMININO NAS OBRAS DE PAULINA CHIZIANE E GERMANO DE ALMEIDA: OS CASOS DE SARNAU E JOANA

*FIGURATIONS OF THE FEMININE IN PAULINA CHIZIANE'S AND GERMANO DE
ALMEIDA'S WORKS: THE CASES OF SARNAU AND JOANA*

Diego Cruz

<https://orcid.org/0009-0008-4846-9437>

Marinete Luzia Francisca de Souza

<https://orcid.org/0000-0001-8801-9694>

Maria Gabriella Vilela Silva de Jesus

<https://orcid.org/0009-0008-7538-843X>

Resumo: Neste estudo, analisamos as figurações femininas e de gênero nas obras *Balada de Amor ao Vento* (1990), de Paulina Chiziane, e *Os Dois Irmãos* (1995), de Germano Almeida. Investigam-se as personagens Joana e Sarnau e o modo como suas trajetórias de vida são perpassadas pelo patriarcado e pela violência de gênero, física e simbólica. Após leitura das obras, ficamos nas personagens femininas e, mais especificamente, Joana e Sarnau, analisando suas características, e fatos pelos quais passam no decorrer da diegese. Recorremos, para realização deste estudo, a autores como Gennette (1996), Danke (2019), Almeida (2014), Boutchich (2016), entre outros.

Palavras-chave: Figurações Femininas; Romance Africano; Paulina Chiziane; Germano De Almeida.

Abstract: In this study, we analyze the female and gender figurations in the novels *Balada de Amor ao Vento* (1990), by Paulina Chiziane and *Os Dois Irmãos* (1995), by Germano Almeida. The characters Joana and Sarnau are investigated and how their life trajectories are permeated by patriarchy and gender, physical and symbolic violence. After reading the works, we are left with the female characters and, more specifically, Joana and Sarnau, analyzing their characteristics, and the facts they go through during the diegesis. To carry out this study, we resorted to authors such as Gennette (1996), Danke (2019), Almeida (2014), Boutchich (2016), among others.

Keywords: Female Figurations; African Novel; Paulina Chiziane; Germano De Almeida.



No início do século XX, em países de língua portuguesa houve movimentos literários que resgataram tanto a autonomia do autor em relação às tradições literárias, quanto a proximidade do escritor com o contexto social de seu povo. O objetivo deste estudo é investigar as personagens Joana e Sarnau das obras *Balada de Amor ao Vento* (1990), de Paulina Chiziane, e *Os Dois Irmãos* (1995), de Germano Almeida. Ambas as obras se inserem no contexto das literaturas africanas de Língua Portuguesa, uma caboverdiana e outra moçambicana. Embora se tratem de literaturas diferentes, ambas emergem após a descolonização dos países dos autores de que tratamos, de 1975 à atualidade.

Sendo parte da cultura, a literatura é aqui pensada na sua relação com a história dos países de língua portuguesa, motivo pelo qual é preciso sempre ver, nos discursos literários, as formações identitárias, sejam elas intencionais ou atribuídas pela crítica e pelo meio de circulação internacional. A esse respeito, vale ter em conta que, na tensão entre “o local” e o “global”, cada vez mais se torna “imprescindível ao pensamento crítico discutir as formulações discursivas que articulam essas mediações” (ABDALA JÚNIOR, 2002, p. 125).

Mata (2008, p. 52) afirma, a respeito dos países africanos de língua portuguesa, (os quais aproximamos, relativamente às questões interculturais, da Literatura Afro-brasileira), que essas comunidades nacionais já estão passando da fase de nacionalização ou de emergência à fase de “agenciamento de sua emancipação”. Considerando o estabelecimento de tais literaturas, passamos a tratar de Paulina Chiziane e Germano de Almeida como expoentes, ambos premiados com o Prêmio Camões, das literaturas de Moçambique e Cabo Verde.

Paulina Chiziane é uma escritora moçambicana, nasceu em 4 de junho de 1955 em Manjacaze, mas cresceu na região suburbana de Maputo. Em Maputo, a autora fez seus estudos, incluindo o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, que não chegou a concluir. Em 1984, Chiziane iniciou sua carreira literária com contos publicados em revistas; e

se consagrou como primeira mulher moçambicana a publicar um romance, *Balada de Amor ao Vento*, publicado em 1990.



No ano de 2021, tornou-se a primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Camões da literatura. Foi exaltada pelos jurados por sua história de vida e por, em seus livros, dar voz à mulher moçambicana. Atualmente, Paulina Chiziane é uma das autoras africanas mais conhecidas internacionalmente e, no Brasil, tem dois de seus livros publicados: "O alegre canto da perdiz" pela editora Dublinense, em 2018, e "*Niketche: Uma história de poligamia*" pela editora Companhia das Letras, em 2021.

As obras críticas encontradas sobre a produção da autora regularmente discorrem sobre a representação social presente em sua obra, os aspectos religiosos, o feminino e a crença no sobrenatural, além do estudo das narrativas orais encontradas em seus textos. João Bonifácio Aurélio Ribeiro (2014), em sua dissertação de mestrado *Representações da Condição Social Feminina em Balada de Amor ao Vento*, comenta sobre como são literariamente tratados os fatores que condicionam a posição da mulher na vida social, cultural e política retratados na obra:

com efeito, pensamos que os aspectos sócio-culturais, relacionados com o machismo e com a poligamia, influenciam o comportamento e a visão do mundo dos indivíduos, neste caso das mulheres, participantes nas sociedades abrangidas por práticas e costumes nelas veiculadas. (RIBEIRO, 2014, p. 14).

Cíntia Kütter (2018) desenvolve uma reflexão sobre o romance e o analisa sob a perspectiva do romance de formação a partir de referências africanas, destacando-se a representação feminina no espaço moçambicano:

o romance de Paulina Chiziane subverte a sua fórmula a partir das características de sua personagem central. Considerando-se que esse tipo específico de romance de formação tem como singularidade o fato de a protagonista feminina não desenvolver sua aprendizagem de forma completa – ou, dito de outra forma, ela não possui nenhuma autoridade sobre si mesma, devendo apenas servir aqueles que a cercam, não podemos deixar de notar que Sarnau segue um caminho diferenciado (KÜTTER, 2018, p. 16).

Sobre o escritor Germano de Almeida, pode-se dizer que, na era pós-independência, Germano Almeida é considerado um dos expoentes escritores da literatura cabo-verdiana. Nascido em 1945 na ilha de Boa Vista, foi para Lisboa com o intuito de graduar-se em Direito, aos 18 anos. Foi Procurador-Geral da República e deputado pelo Movimento pela Democracia, em Cabo Verde. Estreou

como escritor na década de 80 com o nascimento da revista Ponto & Vírgula, da qual foi cofundador e diretor, revista que é considerada a mais importante do Cabo Verde independente.



Germano Almeida escreve em 1982 *O dia das calças roladas*. Ao longo de sua carreira, concebe várias obras que se destacam como o romance *O meu poeta* que foi publicado em 1989. Já em 1991 surge seu romance *O testamento do Sr. Napomuceno da Silva Araújo*, obra pela qual obteve grandes elogios da crítica literária, foi adaptado para filme e ganhou o festival de cinema de Gramado, no Brasil; além de ser considerado um clássico da literatura africana de língua portuguesa.

Em 1995, publica pela primeira vez a obra que trabalharemos neste artigo: *Os Dois Irmãos* (de agora em diante O.D.I.). Esta obra foi escrita quando o autor trabalhava como agente do ministério público em Cabo Verde e participou do julgamento de um crime de fratricídio, em 1975.

Além de advogado e escritor, Germano Almeida é jornalista. Portanto, mesmo que pertença à fase pós-independência, este escritor participa da tradição comum aos grandes escritores cabo-verdianos contemporâneos: faz parte da imprensa e da vida pública de seu país e se dedica à sua carreira literária publicando em revistas.

Além disso, participa ativamente de eventos para a divulgação da literatura e cultura cabo-verdiana. Em entrevista a um jornal *on-line* (2017), a respeito de como está a divulgação da literatura em Cabo Verde, criticou o enorme preço dos livros, o que dificulta o acesso à população de baixa renda, e mostrou-se preocupado com o descaso das autoridades em não popularizarem as bibliotecas. (Cf. ALMEIDA, 2017, p. 01).

Grande defensor da identidade cabo-verdiana, foi alvo de críticas ao revelar que a língua crioulo (criol ou kriolu), que é a língua popular em Cabo Verde, é pouco expressiva para colocar uma obra literária em contato com o mundo. Em relação ao português, o escritor acredita que temos de dominá-la bem porque nos põe em contacto com o mundo. Segundo ele, "[...] O crioulo é importante para nós, é a nossa língua, mas com ela estamos restringidos a Cabo Verde" (ALMEIDA, 2014-A, p. 01).

Adepto da nova ortografia da língua portuguesa sobre a qual ele pensa que "É importante haver [...] "uma certa



uniformização da língua, para não nos perdermos uns dos outros" (ALMEIDA, p. 01, 2014-A), o autor explica que o crioulo faz parte da identidade de Cabo Verde, apenas prefere escrever em português porque é uma língua mais "internacional".

Em O.D.I., por exemplo, somente toca no aspecto da linguagem algumas vezes e faz apenas uma referência direta ao crioulo: quando André, perante o tribunal, no seu depoimento mistura tanto a língua materna de Cabo Verde, quanto o português.

BALADA DE AMOR AO VENTO: SARNAU

O romance conta com um narrador homodiegético, a própria Sarnau, que descreve a vida cotidiana dos moradores de Mambone, pequena comunidade situada às margens do rio Save. No que concerne ao narrador, Gerard Genette, em seu livro *Discurso na narrativa* (1979), postula que, na narrativa, a presença de verbos em primeira pessoa pode indicar duas situações muito diferentes e que a análise narrativa deve distinguir: a designação do narrador enquanto tal por si mesmo e a identidade da pessoa entre o narrador e uma das personagens da história. Para o autor, distinguem-se assim, dois tipos de narrativa, quando o narrador é ausente da história que conta (heterodiegético) e o narrador presente como personagem na história que conta (homodiegético) (GENETTE, 1979, p. 243).

A história se inicia *in media res* com Sarnau já envelhecida. Ela vive numa "mafalala de casas tristes" e lembra sua juventude, compara-a com seu presente. A personagem se pergunta se realmente existe o amor, pois o que viveu seria apenas feitiçaria, mistério ou loucura. Logo após, a narradora faz sua primeira reflexão acerca do feminino, Sarnau compara a mulher com a terra, convidando o leitor para, através de sua história, conhecer o universo feminino:

Tenho uma filha crescida que ainda estuda embora já tenha estudado muito. Um dia disse-me que a terra é redonda. Por fora é toda verde e lá no fundo tem um centro vermelho. Como o melão. **Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher.** Os golpes da vida a mulher suporta no silêncio da terra. Na amargura suave segrega um líquido triste e viscoso como o melão. **Quem já viajou**

FIGURAÇÕES DO
FEMININO...
Afluente, UFMA/CCBa, v.8,
n.22, p. 135-154, jun. 2023
ISSN 2525-3441

no mundo da mulher? Quem ainda não foi, que vá. Basta dar um golpe profundo, profundo, que do centro vermelho explodirá um fogo mesmo igual à erupção de um vulcão. (CHIZIANE, 2003, p. 06).



Com o desenrolar do enredo, é descrito o amor vivido entre Sarnau e Mwando. Eles se apaixonam ainda jovens, mas não podem se casar, pois Mwando era cristão e seus pais lhe destinam a uma noiva da mesma religião. Ele também não era adepto da poligamia. Sarnau então se casa com Nguila, futuro rei do povo Zucula, em Mambone.

O primeiro acontecimento que chama atenção durante o casamento é o "lobolo", que é como um "dote", porém, neste caso, a família da mulher é quem recebe o pagamento, como se o noivo, comprasse a noiva, garantindo a ela proteção em sua nova família, mesmo após a morte do marido:

Chegou o momento doloroso. Criámos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos governantes desta terra. O número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados. (CHIZIANE, 2003, p.21).

140

Caso aconteça de perder o marido, a mulher pode até continuar a ter filhos com o irmão do marido. Caso não cumpra com seus deveres, pode ser devolvida à família:

Não se compra uma mulher para trazer prejuízos à família, antes pelo contrário, o lobolo é uma troca de rendimentos. Mulher lobolada tem a obrigação de trabalhar para o marido e os pais deste. Deve parir filhos, de preferência varões, para engrandecer o nome da família. Se o rendimento não alcança o desejável, nada há a fazer senão devolver a mulher à sua origem, recolher as vacas e recomeçar o negócio com outra família. CHIZIANE, 2003, p. 38-39)

Durante a cerimônia de casamento, o leitor é surpreendido pelos conselhos que a personagem recebe das mulheres mais velhas de sua família, como por exemplo no fragmentos em que uma delas a aconselha "[...] o teu homem é teu senhor. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama" (CHIZIANE, 2003, p. 26). A personagem também ouve conselhos sobre a poligamia e as amantes do marido, pois "[...] o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher [...] 'Não liguês importância às amantes que tem; respeita as concubinas do teu senhor, elas serão tuas irmãs mais novas e todas se unirão à volta do



mesmo amor” (CHIZIANE, 2003, p.26). Temos a impressão de que o narrador pressupõe um narratário que analisará sua condição feminina.

A personagem considera esses conselhos de “loucos” e conta que suas mães, tias e avós a encarceram em um local e a preparam para o matrimônio, “Falam do amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos” (CHIZIANE, 2003, p. 06).

A mulher, por mais que seja diretamente atingida por tais práticas, é a principal difusora da ideologia patriarcal, pois é assim que se criam os filhos, reiterando estes princípios de geração em geração. Sarnau, no momento de seu casamento, está radiante por se casar com o futuro rei e não compreende o que significam tais ensinamentos e se pergunta, “[...] os casamentos têm sempre este cenário ora triste, ora alegre. Mas porquê a tristeza? Não será o casamento um acontecimento feliz?” (CHIZIANE, 2003, p. 28).

Tais ensinamentos são lembrados por Sarnau no momento em que sofre o primeiro abuso do marido e tenta suportar sua condição. A personagem vê o marido em sua cama com outra e vai aquecer a água do banho do casal, quando o marido a chama, retorna, ajoelhando-se perante seu “soberano” e baixa os olhos:

— Diga, pai. — A água está pronta? — Sim, pai. — Hum, parece que choraste. Morreu alguém? Arremessou-me um violento pontapé no traseiro que me deixou estatelada no chão. Minutos depois voltei à posição inicial. Enviou-me uma bofetada impiedosa que fez saltar um dente (CHIZIANE, 2003, p. 33).

Diante da realidade difícil de seu casamento, a própria personagem Sarnau questiona “Nestes últimos tempos vejo mulheres a sucederem-se umas atrás das outras e agora somos sete. Que poderes tem um só homem para amar cinco, sete mulheres jovens e fortes?” (CHIZIANE, 2003, p. 44). A resposta para a sua pergunta não demora para chegar, seu marido não tem tais “poderes” e acaba deixando-a de lado. Afirmo ela:

Eu sou um ornamento e nada mais. Consciência, não conheces o meu dilema? Ainda continuas a chamar-me adúltera? As adúlteras procuram o prazer e eu procuro a vida. Cometem adultério aquelas que têm maridos e eu tenho apenas um símbolo (CHIZIANE, 2003, p. 53).



Quando Sarnau reencontra Mwando, depois de anos sem receber atenção do marido, retoma sua relação com ele. Quando a personagem se vê grávida de Mwando, entra em desespero e se ressentido pelo destino cruel de sua terra, seu filho, que seria futuro rei, é fruto de uma traição, "Será o sangue da traição a governar esta terra, terrível destino! Mas que culpa tenho eu de tudo isto? O destino é cruel para comigo, mas não fui eu quem inventou o amor e a poligamia" (CHIZIANE, 2003, p. 56). Nesta passagem, a personagem responsabiliza a poligamia por seus desalentos, pois é pela falta de atenção do marido e por seu amor por Mwando, que se encontra nesta situação.

A escrita de Chiziane serve como uma denúncia à realidade da mulher que é muitas vezes silenciada. Em grande medida, tal denúncia define as características e papéis da mulher na obra, diante da sociedade representada o homem será sempre dominante, e, para a mulher, não sobram alternativas.

Por fim, compreende-se que *Balada de Amor ao Vento* é mais do que a história de amor de Sarnau e Mwando, percebe-se que a autora Paulina Chiziane utiliza seus escritos para retratar a vida da mulher no período pós-independência, enfatizando as mazelas que o controle patriarcal tem para com as mulheres, submetendo-as ao poder masculino.

A construção de Sarnau nos é apresentada de forma que, para a sociedade patriarcal, a mulher ideal deve assumir as funções que correspondem aos modelos sociais pré-estabelecidos: teria que ser mãe, era vendida ao marido, sendo serva eterna de sua família e até parte da herança familiar quando o marido falece.

Porém Sarnau, apesar de tentar seguir tais regras e preceitos culturais, tem sua história desviada para as consequências que a mulher sofre caso não as siga, Sarnau sofre pela pobreza e repressão e chega até mesmo a se prostituir para conseguir manter sua família sem o apoio de um homem. Essa situação é "Historicamente secundarizada, posto que a escolha do marido não passava pela sua vontade, era compulsório assumir o trabalho doméstico familiar, como administradora da casa ou, quando



as condições exigiam, na realização direta das tarefas" (DAMKE et al, p. 63, 2019).

Para Beauvoir, a condição feminina é de "Outro":

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. (BEAUVOIR, DS I, 1980, p. 23).

A autora faz apontamentos acerca da opressão que pesa sobre as mulheres, além de provocar a discussão sobre as dificuldades de se libertarem dos laços que as prendem nesta realidade de sujeição. Beauvoir entende que, ao longo dos tempos, a mulher assumiu o lugar de outro, de total alteridade, mas de forma negativa, sua identidade é determinada pelo homem (SANTOS, p. 09, 2010).

Em estudos acerca do gênero, é inevitável tratar do feminismo, ou saber feminista, este que é o designador de todo um trabalho histórico e interdisciplinar, realizado a partir do questionamento da posição e do papel feminino na sociedade, questionamento das desigualdades e preconceitos que são destinados às mulheres, politizando a individualidade feminina ao trazer tais questões para discussões e protestos.

Para Elsa Dorlin (2021), o saber feminista diz da memória dos combates. De acordo com a autora, feminismo é uma tradição de pensamento, assim como os movimentos históricos que desde o século XVII suscitaram a questão da igualdade entre homens e mulheres. De acordo com a autora,

esse saber permitiu apreender a historicidade da "diferença sexual", bem como das prerrogativas sociais e culturais que decorrem dela; a normatividade da heterossexualidade reprodutora, bem como de sua forma jurídica moderna – a família patriarcal –, atendo-se à gênese e ao desenvolvimento dos dispositivos de naturalização e de normalização da divisão sexual do trabalho, da socialização dos corpos, da interiorização das hierarquias de gênero, a partir de seus pontos de contestação: as lutas e os saberes das mulheres (DORLIN, 2021, p. 08).

Na África, o movimento de mulheres feministas luta por políticas de gênero com foco nas mulheres, na tentativa de transformar as sociedades africanas em três níveis, descritos por Amina Mama (*apud* TELO, 2017, p. 03): 1) da subjetividade; 2) das nossas vidas e relacionamentos pessoais e; 3) da economia política. De

acordo com a autora, a autonomia das mulheres requer abordar a injustiça de gênero em todo o seu trajeto, sem se afastar de qualquer nível de luta, seja ele micro ou macro da política.



Em 2017 em uma entrevista para Cintia Kütter, a autora Paulina Chiziane diz que não se declara feminista¹, mas trata de questões do feminismo em seus textos:

PC - Eu nem sabia, quer dizer, eu conhecia as teorias de emancipação da mulher, mas a palavra "feminismo" ainda não me tinha soado aos ouvidos. Eu contei uma história apenas, e a história de uma mulher que é aquilo que eu sei, mais nada. Depois de publicar o livro foi que comecei a compreender a dimensão do feminismo, daí comecei a perceber algumas leituras e fui consolidando algumas ideias sobre o feminismo. Mas foi assim, a vontade de contar uma história de uma mulher, e em todos os meus livros falo de mulheres, e a razão é tão simples, eu estou sempre rodeada das minhas amigas, da minha família, mesmo da minha família, minhas irmãs, minhas primas, então, o mundo que eu conheço, melhor, é o mundo das mulheres. Foi por isso que as coisas saíram desse jeito (KUTTER, 2017, p. 02).

A pensadora brasileira Djamila Ribeiro reitera a importância dos discursos feministas interseccionais, no sentido epistemológico e no sentido de reivindicação da existência das mulheres negras, pois há, na pauta feminista, uma invisibilidade da mulher negra, na qual seus problemas são sequer nomeados, e não são pensadas saídas emancipatórias para os problemas que foram ditos. Djamila reitera que a questão da quebra do silêncio, que é pautada por diversas feministas negras, é uma questão primordial para a sobrevivência das mulheres (Cf. RIBEIRO, 2016).

Por último, há que se mencionar que nos textos lidos encontramos imagens poéticas que estão imbricadas no ato de narrar em primeira pessoa, desempenhado pelas personagens-narradoras. Sarnau estabelece relações entre seus sentimentos e manifestações naturais. Nas duas narrativas, Joana (personagem que será trabalhada no próximo tópico) e Sarnau são as heroínas que suportam o peso da tradição patriarcal em suas aldeias.



Cabo Verde é um arquipélago cuja população é marcada pela diáspora: existem mais cidadãos fora do que no interior do país. Dentro dessa característica, Germano Almeida, um dos maiores expoentes da literatura cabo-verdiana, escreve seu livro *Os Dois Irmãos* (1995). Esta obra foi inspirada em um fratricídio que mexeu com o autor que à época exercia a função de juiz no arquipélago a serviço de Portugal, haja vista que Cabo Verde ainda era colônia portuguesa. Neste fratricídio, a personagem André curiosamente volta de Portugal, onde residia há mais de três anos e assassina seu irmão João devido à pressão popular que se instaurou na aldeia, visto que João teria tido um relacionamento com a esposa de André, Joana.

Contudo, a vontade popular também se torna uma espécie de juiz:

Com um sentimento de desencantada vergonha o povoado verificava que, numa promiscuidade aviltante, André continuava a conviver com a própria desonra e a da sua família, quando o que dele se esperava era que soubesse enfrentar com dignidade de macho o irrecusável desfecho que todos sabiam inevitável (ALMEIDA, 1995, p. 13)

145

No fragmento acima temos uma passagem em que um narrador onisciente destaca que a volta de André inicialmente não foi para fazer qualquer mal a seu irmão, mas sim para compreender o que se passava com sua família, por isso foi imediatamente isolado e impelido a tomar uma atitude a respeito do caso que seu irmão supostamente havia tido com sua esposa.

Vale ressaltar que a personagem André é muito ligada ao seu pai e que seu patriarca fez um importante chamado para que ele retornasse imediatamente de Portugal. Esse retorno é justificável, pois para Margarido (1980): "O cabo-verdiano nunca abandona verdadeiramente o seu arquipélago uma vez que, mesmo longe de seu país, o exilado continua em contato com ele" (MARGARIDO *apud* CRUZ, p. 65, 2018). Em meio desse conflito, aparece uma personagem ignorada por todas as personagens presentes no enredo: Joana, a esposa de André. Ela se destaca das demais personagens nesta narrativa de *Os Dois Irmãos* por não ser interpelada por ninguém, por ser silenciada desde o começo da narrativa até o seu final. Já no começo da estória, o narrador deixa claro que André e Joana casam-se não por vontade do casal, mas por



pressão de seus pais que não admitiam seus encontros escondidos.

A história de Maria Joana torna-se trágica, pois seu marido André, homem com quem se casa praticamente obrigada aos 16 anos, vai para Portugal. Assim, ela se torna uma "viúva dos vivos", tal como acontecia às mulheres dos exploradores portugueses na era das grandes navegações (FERREIRA, 2015-A). Nem no romance Maria Joana ocupa um espaço de destaque, porque o povoado de André é extremamente patriarcal. Para Almeida, "[...] a mulher se encontra, de fato, em uma constante diáspora; sua localidade nunca é sua própria mas sim depende daquela de seu pai, marido ou filhos" (LEVINE *apud* ALMEIDA, p. 58, 2015).

João, que não é um grande seguidor das tradições familiares, opõe-se ao casamento de seu irmão dizendo que casos assim não dão certo e que ele não é obrigado a casar-se com ninguém. Contudo, André segue as tradições e casa-se, desconsiderando o aviso de João. Desse modo, o casamento torna-se "[...] um contrato de interesses recíprocos dos grupos familiares dos nubentes. Para as mulheres, representava cumprir um papel social como esposa e assumir os encargos dele decorrente" (DAMKE et al, p. 63, 2019). André vai para Portugal com o sonho de conseguir um emprego e, ao chegar lá, passados os primeiros dias, consegue uma nova namorada e Maria Joana ganha um plano secundário em sua vida.

Desse modo,

Atribuiu-se ao homem a responsabilidade de realizar tarefas no mundo público, fora do espaço doméstico, considerado mais importante para o sustento e a sobrevivência da família enquanto que à mulher é estabelecido como espaço legítimo a casa, o mundo privado, o encargo pela reprodução biológica e espiritual do núcleo familiar, a manutenção da moral, das tradições e costumes através da naturalização de seu papel de mãe e esposa (DAMKE et al, p. 62, 2019).

Dentro disso, Mantovane (2009) faz um estudo a respeito do espaço familiar em que André e João foram criados. O pai dos irmãos, sempre de maneira monossilábica, tem a palavra final a respeito de qualquer assunto familiar. Nem mesmo a mãe de André pode se posicionar a respeito das questões familiares, visto que o patriarca a reprime apenas com o olhar. Assim,



[...] a casa que deveria aconchegar a família e apaziguar o conflito instalado, adquire uma função contrária: é nela que André recebe a maior pressão por meio de um silêncio de morte vindo principalmente do pai, que não aceita que o "crime" fique impune (MANTOVANI, 2009, p. 129).

Em *Os Dois Irmãos*, há uma forte pressão social para que André resolva a suposta traição cometida por seu irmão João e sua esposa Maria Joana. A personagem, a pedido de seu pai, regressa de Portugal, lugar em que tinha um emprego estável e levava outra vida social há cinco anos, e volta a Cabo Verde, lugar onde passou a infância e a juventude.

André é o filho mais velho da casa e o mais obediente e responsável, em contraste, João é mais rebelde e menos apegado às tradições locais. Porém, André é quem desaponta seu pai mais profundamente: primeiro porque tem um caso com a Jovem Maria Joana antes do casamento, às escondidas de todos. Depois, porque regressa de Portugal e não se vinga de imediato de André, seu irmão, o que, para o patriarca da família, é uma afronta aos costumes.

Já Maria Joana, esposa de André que supostamente tem um caso com João, não aparece em nenhum diálogo ao longo da narrativa, pois é silenciada socialmente: a ela recai toda a culpa do fatídico desfecho. Tudo que sabemos dessa personagem é dada por outras personagens, todas homens: desde amigos, familiares ou agentes de justiça. Podemos observar isto também pela fala de um grande amigo de Maria Joana: "[...] Pedro Miguel disse que André era casado com Maria Joana, pessoa que ele conhecia desde criança [...] Porém sobre ela ser capaz de se deixar tentar pelo cunhado, isso ele já não poderia responder [...]" (ALMEIDA, p. 17, 1995).

Nem ao menos a personagem Pedro Miguel, amigo de infância de Maria Joana, quis se envolver para defendê-la. Assim,

Segundo Scott, J. (1990), o patriarcado é uma estrutura social em que as relações são controladas a partir de duas diretrizes fundamentais: as mulheres são hierarquicamente inferiores aos homens, e os jovens por sua vez estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos patriarcas da comunidade. Definido como a supremacia do homem nas relações sociais, o patriarcalismo configura-se como um domínio social que centraliza o poder na figura do homem ou do masculino. É baseada na própria ideia de paters, ou seja, figura do pai. O sistema patriarcal sustenta o capitalismo e está nas diversas esferas da vida

pública, privada, política, educacional e religiosa (SOUZA, p. 35, 2021).



Para o autor, a estrutura patriarcal é a tônica que segrega e diz qual é o “lugar” masculino e pauta as “obrigações” femininas. Neste tipo de sociedade é muito forte a concepção de que “[...] a mulher sozinha desperta desconfiança, reprovação e zombaria [...]” (PERROT 2009, p. 276 *apud* DAMKE et al, p. 62, 2019). Em *Os Dois Irmãos*, este sistema pode ser observado de tal forma que a voz da personagem Maria Joana é silenciada e somente observamos as inferências sobre ela realizadas pela voz masculina: sempre o pai da personagem André é quem faz as acusações quando este anuncia “[...] o teu irmão anda a andar com tua mulher” (ALMEIDA, p. 19, 1995). João nega as acusações de traição.

João caminhava à frente de André num carreiro estreitinho. [...] foi então que se surpreendeu a perguntar-lhe [...] se era verdade que o pai o tinha encontrado no palheiro deitado com Maria Joana. André viu João estremecer ao ouvir suas palavras e cair numa pedra [...] André ouviu uma voz que gaguejava de tão trémula e que lhe dizia que já lhe tinha jurado que era tudo mentira, [...] Juro-te pela minha vida que nunca me deitei com ela e se não for assim que eu me esvaia em sangue, concluiu enfático. André não duvidou das palavras do irmão [...] lhe pareceu que João chorava enquanto falava, [...] andando sempre à frente dele [...] (ALMEIDA, p. 72, 1995).

148

Neste contexto, a personagem André, tentando resolver esse problema da suposta traição, sequer pergunta a Maria Joana, sua esposa, o que realmente se passou. Sobre este problema, conforme a citação anterior, transcende a esfera privada da aldeia cabo-verdiana em que se passa a narrativa e vai além: está impregnado na comunidade local que nada faz a não ser acusar a personagem Maria Joana: “Toda a vizinhança tinha ficado a saber que o falecido tinha sido encontrado em cima da cunhada [...]” (ALMEIDA, p. 19, 1995).

De certa forma, todo esse encadeamento de ações dá uma espécie de exemplo na educação de como os jovens devem tratar os atores sociais masculinos e femininos, que se tornam impotentes em relação ao caso, já que o pai de André, que o acusa de ser fraco por não se vingar de seu irmão imediatamente, e que, invariavelmente, também acusa Maria Joana, toma um aspecto quase divino.



Um exemplo claro de como as ações das personagens influenciam a educação social da aldeia é o modo como o pai de Maria Joana se lamenta que sua filha tenha se envolvido com André antes do casamento:

Mas infelizmente era certo estar o mundo cheio das mais diversas tentações e nem sempre era possível a um pai, como tinha sido seu desejo, afastar uma filha dos caminhos da perdição e conservá-la na dignidade das tradições familiares (ALMEIDA, p. 55, 1995).

Também ao longo da narrativa de *Os Dois Irmãos*, podemos inferir que quem detém o poder da palavra são as personagens essencialmente masculinas. Aos homens cabem as obrigações com a produção agrícola ou o trabalho com os animais. Também cabe aos homens tomar todas as decisões da aldeia.

[...] o patriarcalismo teve grande influência da colonização portuguesa. Durante o período colonial e Imperial, onde as relações sociais e econômicas se davam no meio rural, os homens eram considerados agentes mais importantes da alta sociedade, tendo a posse de terras, da produção agrícola, dos escravos e do destino de sua família. (SOUZA, p. 36, 2021).

Esse espólio faz parte da cultura local (uma vez que, se essa história se passasse em outra ilha cabo-verdiana, o desfecho poderia ser diferente), mas vai de encontro aos ensejos dos colonizadores, tanto é que o próprio juiz cabo-verdiano a serviço de Portugal não consegue tomar uma decisão sensata em relação ao caso, pois não leva em conta o quanto Maria Joana está sendo difamada na aldeia, apenas se preocupa se absolve ou não André por ter assassinado seu próprio irmão, João.

De modo a dar contraste à personagem Maria Joana, a figura da mulher em *Os Dois Irmãos*, quando aparece, é representada idealmente pela mãe de André: uma mulher que cuida de sua casa, sofre pelos filhos e, principalmente, sofre por não poder questionar o próprio marido e impedir a trágico fratricídio, enquanto que a figura masculina é o extremo oposto: se pegarmos a história de André, veremos um jovem que conseguiu viajar e adquiriu experiências. João consegue burlar qualquer regra social, é tido como o fanfarrão da família; e seu pai é quem dá a última palavra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos aqui apresentados, foi possível responder a problemática levantada neste artigo, pois visualizamos que a construção da personagem Sarnau é feita destacando as mazelas vividas pelas mulheres da época, mas de modo lírico, enquanto que em *Os Dois Irmãos*, de Germano Almeida, a personagem Maria Joana é apresentada ao leitor pela intermediação das personagens ou primárias, (como no caso de André, João e o próprio narrador) ou secundárias: o pai dos irmãos, o amigo de infância que não quer se envolver na briga, e o próprio pai de Maria Joana.

Os principais objetivos da pesquisa foram traçar um contraste entre a representação do feminino na sociedade pós-colonial moçambicana e cabo-verdiana, investigando a construção da personagem Sarnau em *Balada de amor ao vento*, de Paulina Chiziane, com os padrões patriarcais que silenciam a voz de Maria Joana em *Os Dois Irmãos*, obra do escritor cabo-verdiano Germano Almeida.

O livro *Balada de amor ao vento* é um canto feminino que se manifesta por meio de elementos próprios da narrativa, mas também de elementos poéticos. A análise da obra buscou verificar como se dá a construção da identidade feminina, a partir da personagem Sarnau. Verificou-se como uma mulher que luta por sua sobrevivência e até mesmo sua vivência com alguma felicidade, perante a sua condição de subjugada, visto que o regime social da época era regido pelo patriarcado.

A análise da narrativa de Chiziane evidenciou traços de uma narrativa poética. Paulina Chiziane escreve um romance, em balada, repleto de aspectos presentes na poesia, e proporciona ao leitor uma leitura melodiosa, que prende e encanta desde o primeiro parágrafo, enquanto que, na narrativa de Germano Almeida, há elementos de romance policial e tende mais para a transgressão estética que este gênero narrativo tradicionalmente proporciona.

Por meio do jogo que se dá entre narrador/autor e personagens, além da discussão entre o ficcional e literário,



na obra de Germano Almeida o autor trabalha o tema do patriarcado na aldeia em que se passa a ação das personagens. É lá que se discute se André será ou não condenado à prisão pelo suposto fratricídio, enquanto Maria Joana é sentenciada ao silêncio sem nenhum tipo de julgamento, desde a primeira sentença do pai de André: “[...] o teu irmão anda a andar com tua mulher” (ALMEIDA, p. 19, 1995).

Neste sentido, podemos concluir que, na obra de Paulinia Chiziane, a figura da mulher representa a cultura da aldeia em que se passa a ação das personagens. A personagem, no começo da obra, casa-se e mantém um relacionamento sem maiores perspectivas de ampliar sua vivência de mundo, uma vez que começa a viver aprisionada em um relacionamento abusivo. Seu parceiro a trai sem lhe dar explicações, porque esta era a “ordem natural” da sociedade em que viviam. Gradativamente, a personagem empodera-se ao longo da narrativa e o elemento feminino começa a marcar presença pela força de sua transgressão naquele contexto social, pois começa a sair de casa e ser independente de seu marido, tanto financeiramente, quanto intelectualmente.

Em *Os Dois Irmãos*, conforme Damke, 2019, a narrativa feminina sofre a força que a lei social do patriarcado impõe desde a colonização portuguesa. Assim, a figura da mulher ideal é aquela da mãe de André e João: uma mulher que cuida da casa e dos filhos, que não questiona o marido, mas que sofre profundamente, pois sabe que a ordem social imposta limita seu poder de matriarca da família não pode acolher seus filhos de modo a salvá-los da intriga imposta socialmente.

Ainda em *Os Dois Irmãos*, a personagem Maria participação na tomada de decisões. Apesar de ter plena consciência do que está acontecendo, a

Joana, que não aparece em nenhum diálogo de forma direta, apenas é mencionada por terceiros no texto, acaba por ser um elemento transgressor, visto que tem um caso com André antes do casamento, contrariando o que se espera do elemento feminino naquela aldeia. Esta personagem, que é acusada de trair André – mesmo este tendo ido embora de sua aldeia e largado a sua mulher há cinco anos –, sofre com o silenciamento praticado pela sua comunidade. Ninguém se

questiona se realmente aconteceu algum ato de traição, ou se era legítimo algum tipo de envolvimento de Maria Joana com outro homem, visto que André estava distante de casa há muito tempo. Todos confiam na palavra do pai de André, que é o patriarca de uma família tradicional, que é um homem “de caráter”, que jamais mentiria, que adquire, portanto, a força da Lei.



Portanto, diferentemente de *Balada de Amor ao Vento*, nesta obra de Germano Almeida, há uma ausência de voz feminina, já que esta é profundamente silenciada. Durante toda a narrativa, o narrador e as personagens que representam a Lei do Estado discutem se André é ou não inocente, o narrador envolve o leitor com estas questões. Mas, basta uma leitura um pouco mais aprofundada para perceber que o narrador joga com o leitor, porque cabe a quem faz a leitura inferir o que se passa com Maria Joana e outras personagens femininas: perceber a significação de seu silêncio; o contorno que as personagens femininas tomam ao longo da narrativa; a distração que é gerada em torno do conflito entre João e André paralelamente causa um contraste com as ações das personagens femininas.

152

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: SENAC, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BOUTCHICH, Sanaa. **A imagem da mulher e a construção da identidade feminina na narrativa de Paulina Chiziane (Balada de amor ao vento e Niketche: uma história de poligamia)**. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. 2016.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. Elsa Dorlin. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Crocodilo, 2021.

ENTREVISTA com a escritora moçambicana Paulina Chiziane. O Globo. 17 de Abril de 2017. Disponível em: [Entrevista com a escritora moçambicana Paulina Chiziane Páginas Azuis \(opovo.com.br\)](https://opovo.com.br/entrevista-com-a-escritora-mocambicana-paulina-chiziane-paginas-azuis/). Acesso em 02/02/2022.

FIGURAÇÕES DO
FEMININO...

Afluente, UFMA/CCBa, v.8,
n.22, p. 135-154, jun. 2023
ISSN 2525-3441

DAMKE, L. I.; CASSOL, C. A.; GOMES, C. M. **Discriminação, preconceito e dominação**: a luta das mulheres por mais



espaço e representação na sociedade brasileira. Canoas: Editora Universidade La Salle, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i40.4926>. Acesso em: 10/03/2023

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de Amor ao Vento, de Paulina Chiziane**. João Pessoa. 2012.

KÜTTER, C. A. (2018). **Bildungsroman feminino: uma leitura de Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. *Literatura E Sociedade*, 23(27), 196-216.

KÜTTER, C. A. (2017). **Entrevista com a escritora Paulina Chiziane**. *Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 19 volume 1, p. 53-62, Jan-Jun 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PIMENTA, Alberto: s.v. "Prosa Poética", **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <[PROSA POÉTICA - E-Dicionário de Termos Literários \(unl.pt\)](http://prosa-poetica-e-dicionario-de-termos-literarios.unl.pt)>, consultado em 07-02-2021

PIRES, Antônio Donizeti. **O concerto dissonante da modernidade: narrativa poética e poesia em prosa**. *Itinerários*, Araraquara, n. 24, 35-73, 2006.

RIBEIRO, João Bonifácio Aurélio. **Representações da condição social feminina em Balada de Amor ao Vento**. Universidade de Aveiro, departamento de línguas e culturas. 2014.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento. **O empoderamento de vozes femininas na narrativas de Paulina Chiziane**. 2016. 88 f. Dissertação (Programa de Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Simone de Beauvoir. **"Não se nasce mulher, torna-se mulher"**. *Sapere Aude* ISSN: 2176-2708 Belo Horizonte v.1 - n.2 2º sem. 2010.

SILVA, Eufrida Pereira da. **Falar para curar, ouvir para aprender –Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane**. Mulemba. Rio de Janeiro, v.1, n. 5, pp. 92-107, jul/dez 2011.

TABAK, Fani Miranda. **A construção mítica nas narrativas poéticas**. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. USP, 2008.

TELO, Florita Cuhanga António. **O pensamento feminista africano e a carta dos princípios feministas para as feministas africanas**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

VOLANTE, Paula Aparecida. **A prosa poética de Tutaméia**. 2006. 156 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006.



Recebido em 10 de abril de 2023.

Aprovado em 29 de maio de 2023.

ⁱ No jornal "O Globo" a autora também explana sobre se definir feminista: "Não me sinto nem feminista nem coisa nenhuma. Eu me sinto uma guerreira. O que eu faço é guerra. A partir do momento em que eu comecei a colocar determinados temas e pontos de vista em debate eu comecei a mostrar que as mulheres também se levantam. Mostrei que há muita mulher com muita capacidade, que são muito boas no que fazem, mas que tinham medo de escrever. E eu mostrei que escrever era possível. Então foi assim que eu comecei a fazer a minha guerra. Começou-se a se ver que há um grupo de pessoas silenciadas. E que essas pessoas podem se levantar e falar." (CHIZIANE *apud* O GLOBO, 2017).